O RATO ROEU...

MEMÓRIAS EM FLUXO

Pablo Pinheiro

FICHA TÉCNICA

FOTOGRAFIAS E TEXTOS: Pablo Pinheiro

REVISÃO DE TEXTOS: José Q. Pinheiro

PRODUÇÃO: Heliana Pinheiro

PROJETO GRÁFICO: Editora Deu na Telha

ISBN: 978-65-992905-3-4

FORMATO DIGITAL

1ª edição
Natal, RN
2021

O tempo se torna mais orgânico na matéria do filme e do papel fotográfico. As cores vão perdendo sua força e se apagando, deixando o registro de um tom pastel em magenta, os registros em Preto e Branco se tornam mais resistentes, quando bem cuidados e preservados. Pós, poeiras, riscos e sujeiras se tornam parte do registro que se transforma no tempo, junto comigo.

Todos as imagens foram produzidas em película e digitalizadas no ano de 2021.

Auto retrato, 1996
Natal, RN
Brasil

De cima da plataforma atracada no Rio Potengi, 1996.

UM MOLEQUE E O COMEÇO

O ano de 1996 foi marcado por importantes mudanças e percepções na minha vida e será um ponto de partida para essa publicação.

Foi nesse ano que consegui dar sentido à fotografia na minha vida. Com 19 anos, já tinha experiência dos processos fotográficos em filme, conhecendo a técnica desde os 14 anos. Foi o momento em que a fotografia ultrapassou o papel de mero registro e passou a ocupar um espaço de liberdade e trocas. Ela passou a ser uma coisa nova na minha vida e com essa nova coisa, consegui expandir conexões, criar relações e fundamentar princípios que levaria comigo em minha bagagem.

Talvez tenha sido ali o meu rito de passagem, quando deixamos de ser vistos como moleques e passamos a ser quase adultos, ou um moleque interessante para conviver entre adultos.

O fato é que foi muito bom me sentir pertencido e acolhido no mundo dos responsáveis adultos. No mundo daqueles que norteiam os rumos para os jovens.

AINDA NA ESCOLA

Estava terminando o ensino médio na Escola Estadual Walfredo Gurgel, em Natal, no Rio Grande do Norte, andava de patins nas ruas de Natal e trabalhava em uma plataforma atracada no Rio Potengi (história que merece ser contada em outro momento). Adorava fotografar o meu entorno, geralmente os amigos que estavam em minha rotina. Nem sempre era possível comprar filmes e revelá-los, eram questões caras e raras na minha vida. Mas estava atento às coisas que gostava, com quem estava e percebendo como a fotografia criava oportunidades. Fui agarrando as chances que surgiam.

Foi nesse momento da vida que fui chamado para trabalhar em uma plataforma, como intérprete. Estava atracada no Rio Potengi e havia sido comprada por um estadunidense, para reformar e torná-la um reservatório de petróleo. Um dia pedi para levar uma câmera e passei a fotografar o meu contexto lá. O que começou com curiosidade, logo passou a ser uma troca com quem trabalhava lá. Pouco depois, eles me pediam para revelar as fotos que fazia deles. Eles, que trabalhavam lá, queriam guardar uma memória de seu ofício e momento. Era para deixar nos álbuns de fotografias em casa.

Com essas trocas, passei a ter dinheiro para comprar e revelar outros filmes. Eu fotografava, revelava e levava em álbuns para eles escolherem

as que queriam e quantas queriam. Anotava e depois entregava o serviço, por um valor honesto. Foi assim que passei a ter como comprar e ter mais filmes para apontar a câmera para outros ângulos e registrar mais do meu entorno.

Tenho boas recordações de algumas vezes em que consegui fotografar as "sessions" no antigo Half do Machadão. Além de andar por lá, gostava de observar uma molecada pilhada de patins. Como diríamos, os pirralhos estigados. Eles sempre puxavam a barreira dos limites para outro nível. Era uma forma de estar atualizado in loco, tendo das ruas a novidade e referências para minhas ideias e motivações.

Além dos patins, nos encontros com os amigos, eu estava com a câmera junto.

Percorrendo parte dos meus acervos hoje, uma grande tristeza surgiu. Muitos dos meus negativos, fotos em papel, slides etc. foram mantidos de forma muito vulnerável. As coloridas naturalmente perdem toda a sua cor com o tempo, fica apenas aquela imagem lavada, uma verdadeira pastelada magenta. O que gera um ponto positivo para os negativos e fotos ampliadas em preto e branco. E como disse, a tristeza surgiu ao vasculhar umas caixas guardadas por anos com negativos e fotos do passado. Estava ali algo declarado: o rato roeu ..., mijou, cagou em uma parte do meu passado.

Sobraram algumas provas da história. Depois de várias mudanças, de endereço, como descobrir a origem do tal infeliz? Por sorte, alguns arquivos estavam bem armazenados e cuidados, como se deveria. Com isso, não perdi toda a história, apenas algumas partes. Quem sabe passo a inventar nos trechos que faltam?

O TROCADOR DE MOMENTOS

Bom, mas voltando ao meu passado de provas fracionadas, sigo meu rumo para pertencer ao mundo da fotografia e passo uma temporada de longos anos em São Paulo, sempre voltando a Natal de férias ou sempre que fosse possível. Com a distância temperando a saudade foi muito natural a curiosidade de ir conhecendo mais de Natal e suas formas de ser. O palco já estava em mim antes de ir como um admirador do entretenimento. Passei a perceber novas trocas entre a minha fotografia e aqueles que estavam nos palcos. A primeira delas eram trocas por ingressos, afinal ser estudante é um ofício sem remuneração.

Ainda é muito especial ver o mundo pelo olhar do artista. Para quem gosta de perceber o seu mundo, fica essa dica de leitura da vida.

Sessions no Half do Machadão em Natal, 1996.

Quando percebia o espetáculo, observava que o público entra com o ingresso pela frente, por fachadas e portais construídos para sua experiência. As vezes até com tapetes vermelhos, símbolos de reinados. Tudo para a galera pirar, pilhar, estar e voltar, claro. Já os artistas, entram pelas portas dos fundos, se preparam nos bastidores, ritualizam e ensaiam seus passos antes de tudo estar pronto. É praticamente um mundo paralelo. E quando abrem a cortina, abre-se o espetáculo para ato de perceber.

Eu ficava entre o palco e a plateia. Querendo ver tudo. Conhecer esse todo que era tão mágico, com formas tão diferentes para cada um. Cada pessoa estava vivendo, naquele único momento, coisas individuais e coletivamente. Sempre achei impressionante a visão diversa que temos em um espetáculo. Na plateia, o público vai ter a sua leitura individual e coletiva daquele momento. Do palco, os artistas e técnicos passam pelo mesmo jeito individual e coletivo. Agora, quando acontece um mesmo momento, que ultrapassa do palco para plateia aquilo que faz todos os indivíduos estarem conectados coletivamente por um único ato do momento, nossa, é algo de se arrepiar. Basta estar para compreender.

Eram esses momentos que adorava ver, ou melhor, estar. Não havia mais classificações, divisões, critérios, razão. Havia apena um sentimento de conexão naquele momento, que muitas vezes eram segundos, mas era real e todos ali sentiam algo em comum. Como não chamar isso de ... Só sei que fui motivado a me aproximar desse mundo em buscas de dar sentidos aos meus próprios caminhos.

Copiões de alguns registros em filme.

Ana Oliveira, espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Juli Chiriboga, no espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Isaque Galvão e Leila Araújo, espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Valéria Oliveira e Nil Moura/palhaço Espaguete, espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Gilberto Cabral e Zé Fontes, bastidores espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Nil Moura/palhaço Espaguete, bastidores espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Zé Fontes, Glaucia Santos, Gilberto Cabral, espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Larissa Araújo, espetáculo "Cascudo faz um bem danado", TAM, 1998

Passei a observar mais o que me chamava a atenção, tentando descobrir como era a experiência para mim. Queria me aproximar ao máximo de como essas pessoas eram. Achava tão impressionante como a timidez passava longe deles. Em nenhum momento me vi no palco, na verdade entre o medo e desconforto, até hoje deixo esse meu conflito em standby, o observador e trocador de momentos é mais a minha praia. Os holofotes me trazem desconforto.

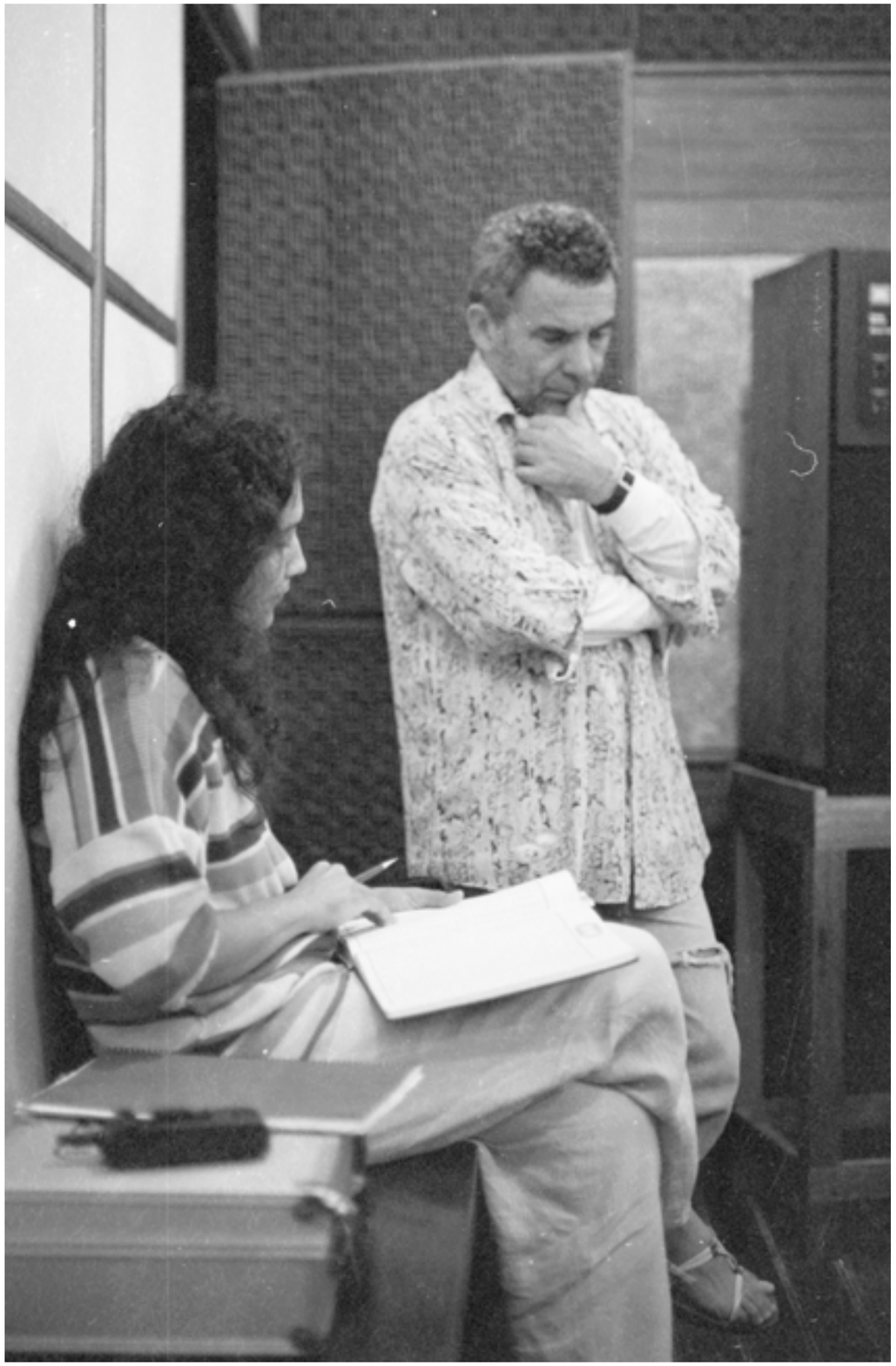
O PALCO DO TAM

Em 1998, fotografei um espetáculo no Teatro Alberto Maranhão (TAM). Foi um dos primeiros espetáculos a que fui chamado para uma cobertura. Já havia os fotógrafos que faziam registros, não recordo nomes e nem como eram seus registros. Eu geralmente focava muito mais na minha visão dos palcos e tudo aquilo que estava acontecendo nos bastidores. Minha conexão estava mais firmada com os artistas, técnicos e com toda a engrenagem que acontecia para o show existir do que com o público da plateia.

Uma lembrança que tenho era de ver os outros fotógrafos disparando seus flashes enquanto a luz do palco, material cênico, tentava dar o clima e tom do momento. Lembro também que era muito sofrido fotografar com o que tínhamos na época, pelo menos com o que eu podia, filmes de ISO 400, objetivas com foco manual e uma abertura entre 5.6 e 4, quando não 8. Realmente o flash terminava sendo uma segurança para muitos garantirem o ganha pão.

Meus acordos e contratações me permitiam autonomia para fazer de um jeito que eu me sentisse mais livre e à vontade para registrar algo. Evitava de ser visto para garantir o mais próximo da verdade dos que fotografava. Isso tudo veio a somar muito, como experiências, na minha construção de uma estrutura de linguagem própria, que veio bem depois. Naquele período eu enfrentava uma adaptação que era constante na vida e na fotografia.

Nesse espetáculo, lembro que as luzes sofriam oscilações constantes de tons. Dificultava muito a medida de luz (fotometria manual) e a relação de tempo para o clique sem a luz vermelha. A luz vermelha para o filme, e os registros em geral, é um tom sofrido para dar bons resultados. As transições da luz cênica foi algo que acompanhei muito de perto. Ela foi se aprimorando ao longo do tempo em Natal. O que começou como um elemento técnico, passou a ocupar um espaço de composição. Isso mudou muito a cada apresentação.



Valéria Oliveira e Joca Costa, estúdio Companhia do Som, CD da Dona Yvone

Eli Santos e Marco Antônio, estúdio Companhia do Som, CD da Dona Yvone

Joca Costa, Everardo Ramos, Jacira Soares, Fabiana Romeiro e Heliana Pinheiro,
Estúdio Megafone, CD Elino Julião

Eli Santos, estúdio Companhia do Som, CD da Dona Yvone

Carlão Lima e Joca Costa.

Marina e Manu Rodrigues, Fabiola Nobre e Júlio Lima, Delta 9, no Black Out

ENTRANDO NO ESTÚDIO

Lembram dos LPs? Eu cheguei a pegar a época dos disquinhos infantis e alguns LPs na vitrola. Eram capas enormes, em comparações aos 12 x 12 cm das capas de CD. Mas os LPs duraram pouco e os CDs chegaram para valer. Para minha realidade, o mais usado ainda foram as fitas cassetes. Era possível gravar e até editar o que se queria escutar. Seriam como as playlists de hoje, mas em volumes bem menores e com dois lados para tocar. Hoje, vemos em pixels em telas de aplicativos nos smartphones.

Ter o controle sobre o que havia de som para ser tocado era algo que me interessava. Acredito que ainda hoje é algo que interessa a muitos.

Um pouco com esse espírito, desse controle misturado à curiosidade por conhecer de onde vêm as coisas, o estúdio de gravação passou a ser um outro alvo de interesse para a minha fotografia. Como em casa, minha mãe, Heliana Pinheiro, cantora, sempre contribuía com algumas notas em gravações, foi fácil de me aproximar de um grupo que realizava gravações em estúdio. Nesse período, conheci o Joca Costa, um grande ser humano, construtor de caminhos e arranjos das notas.

Estive junto com eles em gravações no estúdio Companhia do Som, depois um pouco mais no Megafone, percebendo o que existe entre as notas e as intencionalidades. Compreendendo o coração dos autores e a sensibilidade dos ouvidos. O som se revelou em camadas e de grandes profundidades. Nos tempos fracionados, criavam realidades e memórias incríveis, que grudavam nos ouvidos com sentimentos cheios de tons e ritmos. Foi muito um período mágico e uma escola para vida do meu sentir o som.

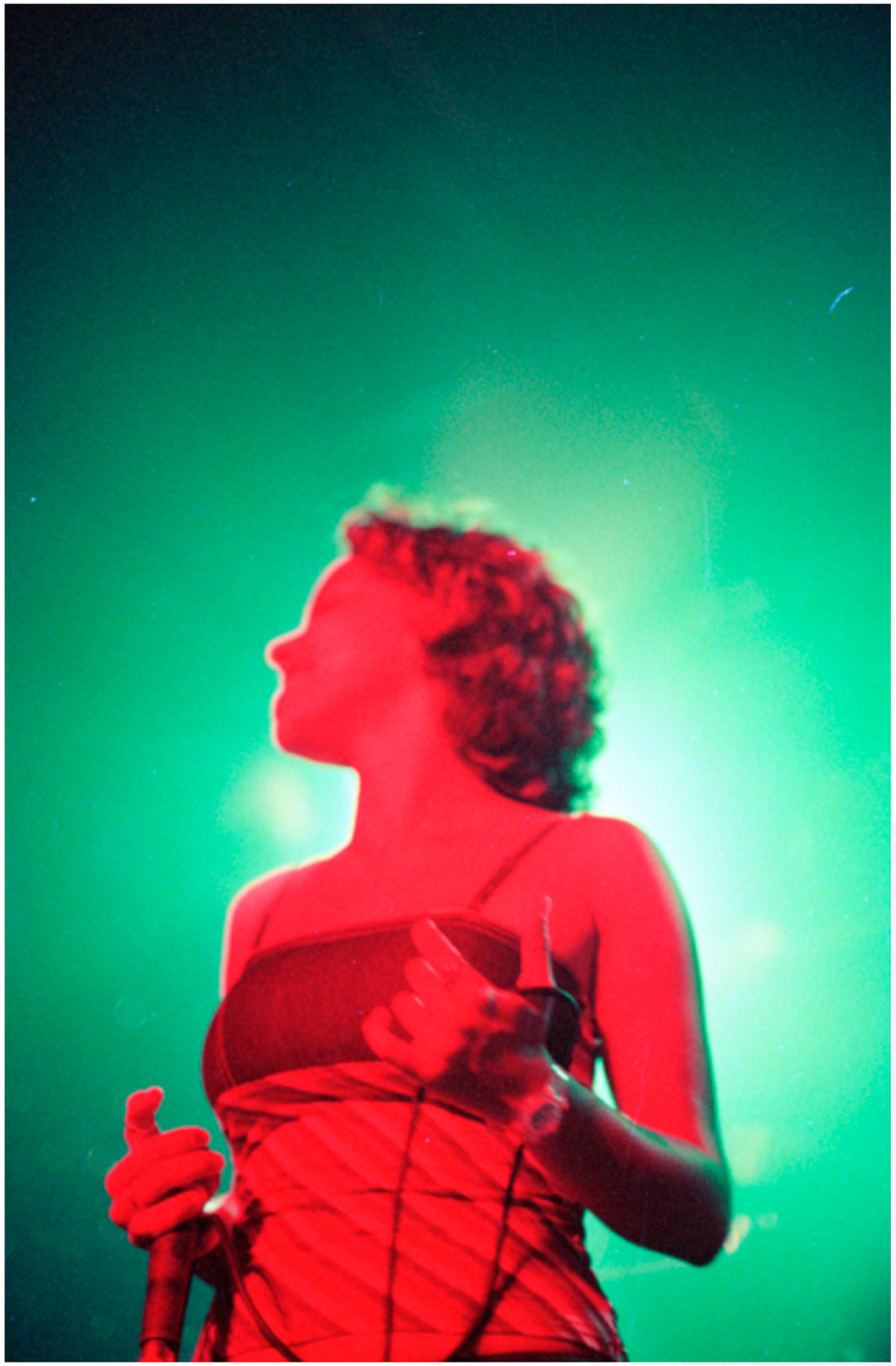
RIBEIRA NA ATIVA

E para fechar, como não considerar o espaço urbano de uma cidade para o território criativo das artes? Nesse caso, dos palcos e das bandas que buscavam seus espaços de diálogos com o público natalense.

Eu vivi a época em que a Ribeira virou um abrigo rico para as bandas da cidade: Banda Kais, Delta 9, Oficina, Boca de Sino, Cassava, entre outras tantas. Vi o Black Out sendo o grande ponto de referência para quem buscava um espaço. E esse espaço era para

Ricardo Baya, Delta 9, no Black Out

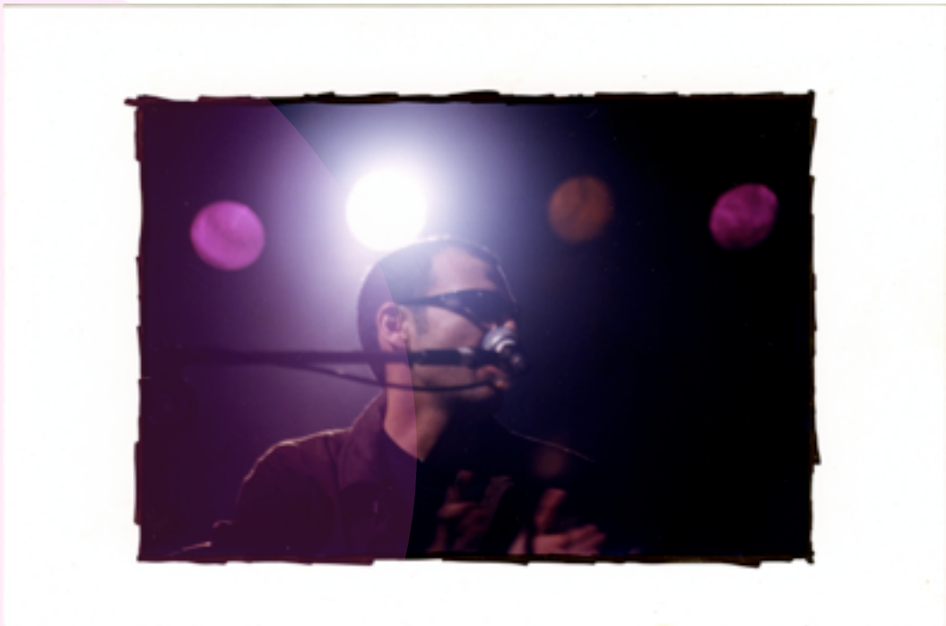
Tributo a Cássia Eller, Banda Ocifina, no Black Out



Ana Morena, Banda Ocifina, no Black Out

Carlinhos Suassuna e Gibelto Cabral, Banda Kais, 1998

Carlinhos Suassuna, Banda Kais, 1998



Carlinhos Suassuna, Banda Kais, 1998

Rildo Lima, Banda Kais, 1998

os artistas e para o público. Era lá um ponto de encontro garantido para todos. Entre o palco e a plateia, estávamos todos juntos naquele local. Com a perda do Black Out, tentou-se, e ainda tenta-se, manter o clima de como foi a Ribeira naquele período.

A cidade mudou. A Ribeira está lá, mas o que esperamos dela não sei se ela pode nos dar. E sinto que muito do que estamos dispostos a fazer por ela, já mudou também. Talvez o fato de todos nós termos mudado ao longo do tempo, e junto as histórias e memórias, faça com que nossos desenhos mostrem o que temos e somos agora.

Os palcos eram bem mais simples. As notas, nem todas afinadas. O grande prazer era de estarmos lá, juntos, convivendo e criando aventuras. Estávamos lá os muito jovens, pouco jovens e adultos. Estávamos um recorte amplo dos natalenses, algo que acontece hoje em dia em festivais, que acontecem uma vez ao ano. Lá, acontecia semanalmente. Era sazonal apenas para aqueles muito criteriosos, mas mesmo esses passavam por lá uma vez ou outra.

Eu aparecia lá pela diversão e pela vontade de ver. Era uma outra forma de estar, mas estava por inteiro entre os palcos e a plateia.

O tempo que passou para mim, passou para tantos. A memória dessa Ribeira se mantém viva nos corações afetados de quem viu e esteve lá; antes, durante e depois de todas as histórias. A Ribeira, mesmo que agora seja diferente, terá um lugar garantido por tudo que fez e é, para mim e para você.

Queria muito ter mais o que mostrar, mas o "Rato Roeu ..." boa parte do que tinha e só me sobraram algumas histórias para contar.

E DEPOIS?

E depois? Depois disso?! Temos a certeza de que agora há, em cada um de nós, histórias cheias de conexões, cheia de nós, com muitos de nós juntos, que criam e desenham quem fomos. E se não for possível dar sentido às nossas memórias, em nossos álbuns da vida vão ficar faltando aquelas fotos, que nas ausências, serão preenchidas com algo, muitas vezes criado. E o risco é enorme, quando é algo criado e preenchido por alguém que não seja por você mesmo.

Aqui, com todas as minhas transições, transformações e ações, deixo parte do meu depois.

Jr. Mandrix, Jucian Lima, Franklin Medeiros, Fábio Nunes, Banda Carbura em São Paulo, 2002

www.pablopinheiro.com
pablopinheiro.foto@gmail.com

www.editoradeunatelha.com

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL
LEI ALDIR BLANC
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
RIO GRANDE DO NORTE GOVERNO DO ESTADO